

**NOTÍCIAS DE CÁ NO MUNDO DE LÁ: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE  
MATERIALIDADES JORNALÍSTICAS SOBRE A IMAGEM DO BRASIL NA  
IMPrensa INTERNACIONAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

**NEWS FROM ABROAD: A DISCURSIVE ANALYSIS OF JOURNALISTIC  
MATERIALITIES ABOUT THE IMAGE OF BRAZIL IN THE  
INTERNATIONAL PRESS DURING THE COVID-19 PANDEMIC**

Vinicius Costa Araújo Lira<sup>1</sup>

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Francisco Vieira da Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo analisar materialidades jornalísticas que circularam no Brasil sobre a imagem criada pela imprensa internacional acerca do país no decurso da pandemia de covid-19. Para tanto, analisamos discursos que circularam em cinco veículos de comunicação brasileiros, a saber: os portais de notícia Universo *On-line* (Uol) e G1, o canal Jovem Pan, a revista Veja e o jornal Estado de Minas. Para ancorar as análises, o trabalho baseia-se nas abordagens de Michel Foucault (2010) acerca do discurso, enunciado e formação discursiva. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um trabalho descritivo-interpretativo de natureza qualitativa. A análise do material coletado permite a seguinte constatação: o modo como o país, corporificado na figura da gestão federal, tem lidado com a pandemia faz com que a imprensa internacional construa discursos desabonadores sobre o país, o que pode ameaçar sobremaneira as relações geopolíticas e comerciais do Brasil com o resto do mundo.

**Palavras-chave:** Discurso; Brasil; Pandemia; Jornalismo; Mídia internacional.

**Abstract:** This study aims to analyze journalistic materialities that circulated in Brazil concerning the image created by the international press about the country during the Covid-19 pandemic. Therefore, we analyzed discourses that circulated in five Brazilian media, the news portals Universo Online (UOL) and G1, the Jovem Pam channel, Veja magazine, and the newspaper Estado de Minas. To anchor the analyses, the work is based on Michel Foucault's approaches to discourse, statement, and discursive formation. From a methodological point of view, this is a descriptive-interpretive work of a qualitative nature. The analysis of the collected material allows the following observation: the way in which the country, embodied in the figure of the federal administration, has been dealing with the pandemic causes the international press to construct discrediting discourses about the country, which can greatly threaten Brazil's geopolitical and commercial relations with the rest of the world.

**Keywords:** Discourse; Brazil; Pandemic; Journalism; International press.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras/Inglês da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: vccosta43@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br.

**Submetido em 10 de janeiro de 2023.**

**Aprovado em 05 de março de 2023.**

## **Introdução**

Desde quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou, em março de 2020, o estado de pandemia para uma série de casos de Síndrome Respiratória Aguda grave (Sarg), causadas pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2) que, inicialmente atingiu a cidade de Wuhan, na República Popular da China, a partir do final de dezembro de 2019, a postura do então governo federal brasileiro foi marcada por uma diversidade de controvérsias, as quais, em grande medida, explica o fato de o país figurar entre os mais atingidos pela pandemia tanto na quantidade de casos registrados, como no número de mortes. No processo de enfrentamento da covid-19, a complicação decorrente da contaminação pelo novo coronavírus, o ex-presidente Jair Bolsonaro (na ocasião, sem partido) contrariou as medidas definidas pelas agências sanitárias, como o distanciamento social e o uso de máscaras.

O comportamento do ex-presidente foi na contramão do que definia o próprio Ministério da Saúde. Pautado pelo negacionismo científico constitutivo da extrema direita de que o ex-chefe do Estado brasileiro faz parte, houve desde a reiterada negação da gravidade do problema, por meio do questionamento do número de mortes da defesa de abertura do comércio não essencial até a insistência obtusa em torno de medicamentos que não possuem qualquer comprovação científica no combate à doença, tais como a hidroxicloroquina e a ivermectina (LIMA, 2022). Conforme nos reportam Bueno, Souto e Matta (2021), essa posição negacionista estava alinhada com a narrativa do então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (2017-2020), para quem o impacto da doença seria mínimo e todos os alardes sobre a doença tratavam-se de um complotê comunista encetado pela China, em conluio com a OMS.

Para levar adiante esses delírios do ex-presidente brasileiro, os quais não encontram amparo nos fatos históricos (AB'SÁBER, 2021), assistimos à troca frequente de ministros da saúde, à promoção de um general (Eduardo Pazuello) sem qualquer formação na área para comandar a pasta da saúde, à contínua circulação de notícias falsas e aos ataques insistentes a governadores, prefeitos e ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) que buscavam soluções para amenizar a dramática crise sanitária, econômica, política e social que a pandemia gerou (MORAES; SILVA, 2021).

Dessa medida, não é infundado afirmar que nunca houve, no cenário brasileiro, a coordenação de ações conjuntas no enfrentamento da pandemia, em razão de tudo que foi sinteticamente apresentado nos parágrafos antecedentes, senão a existência de ações descontínuas e pontuais, de modo a acarretar o genocídio que, em pouco mais de um ano, em meados de junho de 2021, já havia vitimado quase meio milhão de vidas. Em todo esse interstício, a produção de discursos, especialmente nas mídias digitais, onde o ex-presidente Bolsonaro atuava de modo tenaz, ocorreu efervescentemente, acentuando a politização e a polarização em torno da pandemia e das formas de combatê-la. Nesse aspecto, partimos da compreensão de que a pandemia se configura, consoante Possenti e Muniz (2020), como um acontecimento discursivo por meio do qual foi possível a emergência de diferentes enunciados que o analisam, examinam e recortam, ligam a outros acontecimentos e campos de ordens variados, como científico, econômico, religioso, humorístico, dentre outros.

Ademais, uma vez que se trata de uma crise de dimensões planetárias e que atinge as diferentes relações entre os países, sejam comerciais e diplomáticas, diversos veículos de imprensa do exterior voltaram o olhar para o Brasil, com vistas a diagnosticar o contexto caótico em que nos encontramos. E, em razão disso, a imagem do país lá fora foi sensivelmente afetada. De acordo com um estudo mencionado em reportagem da revista Carta Capital, em 2020, 92% das notícias acerca do Brasil no exterior foram desabonadoras (ESTADÃO CONTEÚDO, 2021). O levantamento, realizado pela consultoria Curado & Associados, especializada em gestão de imagem, analisou mais de 1.179 matérias, e constatou que cerca de mil e oitenta e oito foram negativas ao governo do Brasil, notadamente concernente ao descontrole no enfrentamento à pandemia, mas essa imagem já vinha em descrédito desde a negligência relativa aos problemas ambientais, como as queimadas no Pantanal, em 2019, e o projeto de degradação da Amazônia (ESTADÃO CONTEÚDO, 2021).

É sobre esses discursos que centraremos o olhar no âmbito deste texto. No âmbito de um projeto de iniciação científica vinculado à Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), investigamos as representações discursivas sobre o governo Bolsonaro em jornais internacionais de língua inglesa, no decurso da pandemia de covid-19. Para este estudo, de modo específico não analisaremos diretamente as matérias publicadas no exterior, mas materialidades jornalísticas da mídia brasileira que se reportam aos discursos que foram veiculados fora do país. Buscamos, com isso,

responder às seguintes inquietações: Como se enuncia, em materialidades discursivas da mídia brasileira, acerca da imagem construída no exterior a respeito do Brasil durante a pandemia de covid-19? Que elementos discursivos são mobilizados, por veículos de imprensa no Brasil, para falar da imagem do país que emerge a partir de dizeres advindos da mídia internacional?

Diante disso, o objetivo do presente trabalho consiste em analisar o discurso de materialidades jornalísticas que circularam no Brasil sobre a imagem criada pela imprensa internacional acerca do país no decurso da pandemia de covid-19. Para tanto, analisamos discursos que circularam em cinco matérias publicadas pelos seguintes veículos de comunicação: a) Uol; b) jornal Estado de Minas; c) G1; d) Jovem Pan; e e) revista Veja. Com vistas a ancorar o gesto analítico, o trabalho baseia-se nas abordagens de Michel Foucault (2010) acerca do discurso, enunciado e formação discursiva.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de um trabalho descritivo-interpretativo de natureza qualitativa. Os critérios adotados para a seleção do *corpus* foram os seguintes: a) as materialidades discursivas deveriam estar disponíveis, por meio de acesso livre, na mídia virtual, de modo a facilitar a coleta; b) as materialidades necessitariam ter sido publicadas após o início da pandemia de covid-19, compreendendo o período de março de 2020 a março de 2021; c) as materialidades também precisariam tratar da imagem do país construída pela imprensa internacional em virtude do advento da pandemia e terem sido publicadas por diferentes veículos de comunicação.

Sobre a estruturação deste artigo, é importante frisar que se encontra organizado da seguinte maneira: a seção a seguir trata de discutir alguns aspectos da teoria de Michel Foucault (2010) que embasam as análises a serem desenvolvidas; seguidamente, tem-se o tópico de análise, no qual direcionamos o olhar sobre as materialidades jornalísticas coletadas. Por fim, aparecem as considerações finais, cujo foco incide sobre a necessidade de tecermos um efeito de fechamento para as reflexões aqui delineadas.

### **1. A ancoragem teórica: breves recortes foucaultianos**

A obra do pensador francês Michel Foucault (1926-1984) é múltipla, diversa e inquietante. O autor desafiou os limites de diferentes horizontes do saber e questionou o funcionamento dos dispositivos de poder que recobrem a construção das ciências humanas. Nessa ótica, debruçou-se sobre questões concernentes à Psiquiatria, Psicologia, Direito, Filosofia, História, Ciências Sociais, Linguística, dentre outros campos e deixou um legado que transpassou os anos, mesmos após o desaparecimento físico desse

pensador, no começo da década de 1980. Na consecução de uma ontologia histórica de nós mesmos, o autor investigou a constituição do sujeito sob três grandes domínios, quais sejam: o saber, o poder e a ética estética de si. De acordo com Fonseca (2014), a obra foucaultiana “[...] expressa o íntimo de um filósofo dedicado às candentes situações humanas, demasiado humanas” (FONSECA, 2014, p. 12).

Dentre os diversos conceitos tratados no decurso da trajetória investigativa do autor citado, importa-nos alguns que foram trabalhados (discurso, enunciado e formação discursiva, objeto e modalidade enunciativa), com mais afinco, na chamada fase arqueológica, na qual Foucault (2010) analisa os saberes que fizeram irromper certos discursos em torno das ciências do homem. A ideia de arqueologia consiste em vasculhar os arquivos e as camadas que compõem os discursos, não em busca de uma origem ou de uma tradição, mas objetivando analisar os cortes, as rupturas, as continuidades e descontinuidades da história. Para Foucault (2010), a arqueologia distingue-se de uma perspectiva de história global e tradicional, na qual todos os sujeitos vivenciaríamos uma mesma temporalidade, e se aproxima de uma história geral ou serial, assinalada pelas descontinuidades e transformações.

O discurso, conforme Foucault (2010), é compreendido como uma prática que constrói os objetos de que fala e como um conjunto de enunciados que advém de uma mesma formação discursiva. Esta se refere a uma série de regularidades que podem ser flagradas num regime de dispersão enunciativa e se expressam por meio de escolhas temáticas, objetos, tipos de enunciação e de conceitos. No âmbito dessas regularidades, os discursos funcionam a partir de regras circunscritas que não se limitam apenas a aspectos linguísticos e formais, mas reproduzem certas cisões historicamente emolduradas, como o verdadeiro/falso, o louco/são, a razão, desrazão, dentre outras (REVEL, 2005).

Foucault (2010) concebe o enunciado como o átomo do discurso, a unidade mínima de análise. Na descrição do enunciado, o autor opera pelo uso da negativa, ou seja, ele começa mostrando o que o enunciado não é, mas, posteriormente, denota que o enunciado constitui a condição de existência para certas unidades distintivas, a saber: a frase, a proposição e o ato de fala. Contrapondo-se a tais unidades, Foucault (2010) enfatiza que o enunciado diferencia-se da frase porque não comporta os elementos linguísticos que a caracterizam, como a existência de um sujeito gramatical e uma certa ordem de constituintes com sujeito, verbo e complemento; distingue-se da proposição, pois não se pauta num regime de verdade/falsidade e, por fim, difere do ato de fala, pelo

fato de não se pautar pelas intenções do sujeito falante nem os desdobramentos contextuais do dito (se foi exitoso ou não), consoante apregoa a perspectiva dos *speechs acts*. Em epítome, o enunciado constitui uma função que cruza diferentes domínios e representa a condição essencial para a irrupção dos signos.

Segundo Foucault (2010), a função enunciativa é formada pelas seguintes propriedades: i) referencial – diz respeito às leis de possibilidade as quais permitem a emergência do enunciado como um acontecimento singular; b) posição de sujeito – refere-se a uma dada posição a ser assumida no discurso, não se confundindo com o sujeito empírico, a instância autoral e/ou o sujeito gramatical; c) domínio associado – constitui uma espécie de rede através da qual o enunciado conecta-se com outros enunciados já ditos e com os que virão a *posteriori*; d) materialidade repetível – a existência da função enunciativa encontra-se condicionada a um suporte, um local, uma data, uma substância e/ou uma ancoragem institucional, uma vez que, a partir desses elementos, o enunciado pode ser repetido, modificado e transcrito. Nas palavras de Foucault (2010), “[...] o enunciado tem a particularidade de ser repetido: mas sempre em condições estritas” (FOUCAULT, 2010, p. 118).

No rastro do percurso foucaultiano, somos levados a crer que a análise do enunciado, concebido como a unidade elementar do discurso, está intrincada com o exame das regras que engendram uma dada formação discursiva a que o discurso se alia. O autor postula, pois, quatro unidades do discurso as quais permitem observar a constituição de regularidades discursivas: objetos, modalidades enunciativas, conceitos e estratégias. Considerando os limites deste estudo, o foco irá circunscrever as primeiras duas unidades. Nessa ótica, a formação dos objetos, conforme Foucault (2010), consiste em diagnosticar o regime por meio do qual determinados objetos de discurso são emoldurados. Para isso, ele propõe levar em conta três procedimentos metodológicos: a) superfícies de emergência – objetiva evidenciar onde os objetos podem surgir para, com isso, serem nomeados, descritos e analisados; b) instâncias de delimitação – busca localizar qual a instância responsável pela nomeação, descrição e nomeação de um determinado objeto; c) grades de especificação – visa destacar os sistemas que separam, opõem ou agrupam certos objetos de discurso.

No tocante à formação das modalidades enunciativas, as elucubrações foucaultianas orientam-se no sentido de problematizar o estatuto dos sujeitos que falam, por meio da verificação do *status* do indivíduo a quem é atribuído o direito de proferir determinado discurso e ser, por isso, reconhecido e legitimado, de esquadrihar os lugares

institucionais por meio dos quais os sujeitos buscam subsídio para enunciar, bem como perfilar as discontinuidades no plano da fala que podem revelar uma miríade de posicionamentos discursivos.

## 2. ‘Imagem do país derrete no exterior’: análise das materialidades discursivas

A primeira materialidade discursiva analisada compreende uma notícia publicada pelo portal Uol, em maio de 2020. Intitulada *De ‘quebrar Brasil’ a ‘levar país ao desastre’, a imagem de Bolsonaro na imprensa internacional* (SENRA, 2020), o texto faz uma compilação das principais matérias jornalísticas publicadas acerca do então presidente brasileiro e, por extensão, do país, quando, na época, havia se passado dois meses após a deflagração da pandemia. A posição de sujeito que enuncia na notícia começa mostrando que “o presidente é descrito como um dos raros negacionistas da pandemia e tem a sua atuação apresentada como uma das piores em todo o planeta” (SENRA, 2020, [s.p]). Como discutimos antes, o negacionismo do governo brasileiro foi decisivo para a existência de um descontrole no combate à pandemia no país e, considerando as dimensões continentais do Brasil, esse descaso gerou variados olhares na imprensa internacional e uma constatação uníssona: o país representava um perigo sanitário para o resto do mundo.

Vemos que, na matéria da Uol, os veículos da imprensa estrangeira constituem as instâncias de delimitação, a partir das quais o Brasil é construído como um objeto de discurso. Há, portanto, a referência a importantes jornais internacionais, como o *Financial Times*, *The Telegraph*, *The New York Times*, *The Guardian*, à agência de notícia *Reuters*, à revista semanal *Newsweek* e ao portal econômico *Business Insider*. Ao se reportar a tais instâncias, sujeito enunciativo da matéria recorta, descreve e enuncia em torno da imagem do país no exterior, conforme podemos analisar por meio dos excertos a seguir reunidos.

A publicação mais comentada nesta segunda-feira vem do jornal britânico *Financial Times*.

Um artigo assinado por Gideon Rachman, colunista-chefe para assuntos internacionais do jornal, aponta no título que “o populismo de Jair Bolsonaro está levando o país para um desastre”. O texto compara as respostas de Bolsonaro e de Trump à pandemia, classificando a do brasileiro como “ainda mais irresponsável e perigosa”.

[...] O jornal conservador *The Telegraph* vai além e diz que Bolsonaro pode ficar conhecido como “o homem que quebrou o Brasil”.

O *Telegraph* destaca o Brasil como novo epicentro global da pandemia, “registrando médias diárias mais altas que qualquer outro lugar no mundo”.

Ainda segundo a reportagem, a estratégia de Bolsonaro não encontra similares em nenhum lugar do mundo - “o presidente estimula uma cultura de bullying e desprezo pelos que pensam diferente” (SENRA, 2020, [s.p]).

Quando Foucault (2010) fala-nos acerca da formação das modalidades enunciativas, destaca a necessidade de levar em consideração o estatuto dos sujeitos que possuem legitimidade para enunciar. Nessa medida, a materialidade discursiva do portal Uol reporta-se ao *status* de Gideon Rachman, especializado, no interior da instância do jornal *Financial Times*. Ao apresentar as credenciais do colunista, a posição que enuncia em Uol põe em relevo a legitimidade desse discurso na configuração de uma imagem desabonadora para o Brasil. De igual modo, no momento em que classifica o jornal *The Telegraph* como um veículo conservador, tem-se um efeito segundo o qual a constatação consensual de uma crise sem precedentes no Brasil independe de posicionamento político adotado pelos órgãos de comunicação, porquanto o presidente Bolsonaro, ao se identificar com uma tendência política de direita, também tem sua imagem desgastada em jornais e/ou revistas que, *a priori*, situam-se num *continuum* de um espectro político conservador. Assim, tanto na referência às credencias do colunista do *Financial Times* quanto na definição de uma orientação política do jornal *The Telegraph*, observamos a atuação das modalidades enunciativas, tendo em vista que se busca assinalar o estatuto e a posição dos sujeitos que enunciam.

Ainda no recorte retirado da notícia do portal Uol, faz-se premente apontar para o funcionamento, no âmbito da materialidade repetível, de elementos que levam a pensar sobre o modo como se enuncia acerca da imagem do país na imprensa internacional. Um desses elementos diz respeito à seleção dos trechos originalmente publicados pela imprensa no exterior. Podemos entrever que se trata de excertos em que ficam mais enfáticas posições firmes e asseverativas, como vemos nos recortes “está levando o país ao desastre” e “ainda mais irresponsável e perigosa” (*FINANCIAL TIMES apud SENRA, 2020, [s.p.]*); bem como notamos em “o homem que quebrou o Brasil” e “médias diárias mais altas que qualquer lugar do mundo” (*THE TELEGRAPH apud SENRA, 2020, [s.p.]*). A escolha desses enunciados e não outros, conforme nos lembra Foucault (2010), na composição da notícia, está atrelada às leis de possibilidade que asseguram a singularidade enunciativa no cerne de um regime de dispersão. O mesmo se pode dizer no tocante a outro excerto proveniente da reportagem do *Telegraph* o qual aponta para a retórica beligerante do presidente brasileiro em relação aos seus opositores (*THE TELEGRAPH apud SENRA, 2020*). Noutros termos, temos a imagem de que, a despeito do grave caos pandêmico, o então líder do Brasil ainda lança mão de estratégias violentas (MARTA, 2016) e, com isso, ocasiona atritos e instabilidades políticas, de modo a

agudizar a crise instaurada. Trata-se, na visão de Henriques e Vasconcelos (2020), de crises dentro da crise.

O jogo enunciativo entre o discurso direto, repartido dos dizeres da imprensa internacional por meio do emprego das aspas, com o discurso indireto permite enxergar o funcionamento de uma posição de sujeito que reitera a imagem desgastada do Brasil no restante do mundo. Isso ocorre pelo efeito velado de concordância da posição do sujeito enunciador das materialidades da imprensa nacional com aquela que provém discurso reportado. Num outro excerto da notícia que circulou no portal Uol, lemos: “Diferente da narrativa governista, que costuma atribuir as críticas à esquerda, as análises negativas também estampam as páginas de veículos tradicionalmente conservadores” (SENRA, 2020, [s.p]). Em contraposição à chamada “narrativa governista” (SENRA, 2020, [s.p]), segundo a qual as críticas ao governo adviriam de uma espécie de complô de esquerda dos veículos de imprensa ao redor do mundo, a notícia do portal Uol menciona o fato de as críticas endereçadas ao Brasil também partirem de órgãos de comunicação atrelados à direita (SENRA, 2020, [s.p]). Essa antecipação de um possível contradiscurso por parte dos apoiadores de Bolsonaro, ou seja, de que a imprensa mundial ‘persequiria’ o presidente, evidencia um posicionamento adotado pelo autor da reportagem (enquanto jornalista do Uol) cuja posição não apenas informa como orienta argumentativamente os dizeres.

Dando prosseguimento às análises, chegamos à materialidade jornalística que foi publicada pelo jornal Estado de Minas, em setembro de 2020 com o seguinte título: *Imagem negativa do Brasil exterior se deve à pandemia* (LIMA; CARDIM, 2020) Naquela altura, o país já ocupava o segundo lugar no número de casos de covid-19 em todo o mundo e mais de 130 mil vidas já tinham sido ceifadas pela pandemia. O ex-presidente, em suas *lives* semanais, defendia ferrenhamente o uso de alternativas terapêuticas sem sustentação científica (FREITAS *et al.*, 2020), como hidroxicloroquina, para o tratamento do novo coronavírus e, em uma dessas declarações, a qual a materialidade do jornal Estado de Minas aborda, Bolsonaro pontuou que a imprensa ‘lá fora’ defendia as medidas adotadas pelo governo brasileiro como um modelo a ser copiado por outros países, porque, na visão do mandatário, “o Brasil estava quase vencendo a pandemia” (LIMA; CARDIM, 2020, [s.p]). Na constituição da matéria aqui em foco, a posição enunciativa preconiza que um levantamento empreendido pelo instituto de pesquisas *Morning Consult*, feito com base em pelo menos vinte e cinco jornais e revistas internacionais no primeiro trimestre da pandemia, desmente a

declaração do ex-presidente, pois as repercussões das ações tomadas pelo governo foram vistas com preocupação no exterior, dentre as quais se destacam: “[...] as falas de que a COVID é só uma “gripezinha”, a afirmação de que a vacina contra o vírus não será obrigatória, o veto ao uso compulsório de máscaras em locais públicos, a provocação de aglomerações diante da clara recomendação do distanciamento social” (*MORNING CONSULT* apud LIMA; CARDIM, 2020, [s.p]).

Essa breve síntese das principais práticas anticientíficas e contrárias às medidas de contenção do novo coronavírus levadas a cabo por Bolsonaro denotam, conforme o posicionamento discursivo do jornal mineiro, com base nos relatos do exterior, a imagem de que o Brasil vivenciava um turbulento período. O tom de constatação da matéria jornalística está presente logo no título, haja vista a construção asseverativa de que a imagem prejudicada do país no exterior estaria articulada ao modo como o governo lida com a pandemia. Para coadunar com o estudo desenvolvido pelo *Morning Consult*, a reportagem do Estado de Minas cita, em discurso direto, a voz do professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Evandro Castro, que é doutor em Direito Internacional:

“O Brasil está listado entre os países que tiveram o maior número de casos. [...] Mais recentemente, surgiu a indicação de que a taxa de contágio voltou a subir. [...] são dados que contradizem o entendimento de que o Brasil tem sido exitoso no combate à pandemia” (CASTRO apud LIMA; CARDIM, 2020, s. p.).

A referência ao discurso do especialista engendra a formação das modalidades enunciativas e ancora a posição do sujeito jornalista no sentido de desmontar da declaração infundada do ex-presidente Bolsonaro. Essa voz do especialista se ancora em dados e índices, cujos efeitos de verdade contrastam com a narrativa do então governo.

A terceira materialidade discursiva analisada foi coletada do G1, portal de notícias do Grupo Globo. Publicada no final do mês de março, ainda no início da pandemia, tem como título *Imprensa internacional repercute postura de Bolsonaro diante da pandemia de coronavírus*. Assim como a notícia veiculada pelo portal Uol, a materialidade do G1 enumera o tratamento dispensado ao presidente do Brasil em diferentes meios de comunicação estrangeiros, quando, nas primeiras semanas da pandemia, Bolsonaro defendia o fim do distanciamento social e o denominado isolamento vertical, segundo o qual somente alguns grupos com comorbidades deveriam ficar em casa. Tal postura foi alvo de crítica da imprensa internacional, consoante enfatiza a reportagem do G1.

Entre os principais veículos de comunicação citados, tem-se a agência britânica BBC que publicou uma reportagem “[...] descrevendo as atitudes de Bolsonaro dando a

entender que ele não está levando a sério o perigo da pandemia” (G1, 2020, [s.p]). Para confirmar essa posição, o portal G1 cita, em discurso direto, um excerto do texto veiculado pela BBC: “Enquanto o mundo inteiro tenta desesperadamente combater a pandemia de coronavírus, o presidente do Brasil está fazendo o possível para minimizá-la” (G1, 2020, [s.p]). A partir do dito, nota-se uma singularidade do ex-governo brasileiro em relação ao comportamento dos demais dirigentes do planeta, o que insere o Brasil numa posição indesejável na relação com os demais países e blocos econômicos e com a implementação de esforços multilaterais (FONSECA, 2020) na batalha contra o vírus.

Seguindo, a reportagem do G1 menciona que revista britânica *The Independent* “chamou o presidente Jair Bolsonaro de ‘Bolso-Nero’, o último imperador romano, tido como extravagante que, para a população, iniciou um incêndio para construir um palácio” (G1, 2020, [s.p]). Ao explicar para o leitor o jogo linguístico-semântico mobilizado pela revista mencionada, a posição de sujeito reporta-se a um domínio associado, ou seja, a já-ditos acerca do imperador Nero e de seu comportamento intempestivo, aproximando-se, assim, em termos de constituição metafórica, dos arroubos do ex-presidente brasileiro. Essa explicação, a nosso ver, constitui um elemento discursivo importante na configuração de um modo de enunciar acerca da imagem do país no exterior, pois busca aproximar o leitor brasileiro da crítica feita pelos meios de comunicação estrangeiros.

A quarta materialidade coletada para análise foi publicada no *site* da Jovem Pan, no início do mês de março de 2021, e tem como título: *Imprensa internacional vê descontrole da pandemia com preocupação* (JOVEM PAN, 2021). No *lead* da notícia, aparece uma síntese de que será tratado: “Primeiras páginas de jornais do Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e Argentina citaram fala de Bolsonaro sobre a doença e estamparam preocupação internacional” (JOVEM PAN, 2021, [s.p]). Assim como as demais materialidades estudadas antes, na notícia da Jovem Pan, denota-se uma ênfase à relevância dos veículos de imprensa internacionais e o lugar de destaque que é dado ao Brasil. Nessa lógica, trata-se de gêneros da esfera jornalística veiculados nas páginas iniciais do jornal, de modo a chamar a atenção do leitor para o projeto editorial do veículo de comunicação. O recorte feito pela posição que enuncia em Jovem Pan mostra-nos o funcionamento das instâncias de delimitação a partir das quais vêm a lume o Brasil como um objeto de discurso no cenário internacional.

No decorrer da notícia, deparamo-nos com alguns fragmentos das materialidades publicadas no exterior, tais como “[...] o jornal americano *The New York Times* ouviu cientistas que dizem que a situação do Brasil deve servir de alerta para o resto do mundo”

(*THE NEW YORK TIMES* apud JOVEM PAN, 2021, [s.p]) e “O jornal britânico *The Guardian* classificou o Brasil como “um laboratório a céu aberto para o vírus se proliferar e eventualmente criar mutações mais letais” (*THE GUARDIAN* apud JOVEM PAN, 2021, [s.p]). As instâncias de delimitação, medida em que nomeiam e classificam a situação caótica do Brasil, matizam-se em vozes autorizadas a falar, como os cientistas consultados pelo jornal americano citado e a constatação advinda de um saber médico presente no meio de comunicação britânico acerca da situação degradante da crise brasileira. O emprego do discurso direto do *The Guardian*, na constituição do dizer da materialidade da Jovem Pan, demarca um efeito de angústia com o qual a imprensa estrangeira trata o Brasil, especialmente por meio dos termos “laboratório” e “a céu aberto” (*THE GUARDIAN* apud JOVEM PAN, 2021, [s.p]), responsáveis por assinalar o descontrole do combate à pandemia e a inação das medidas de contenção do vírus.

A notícia publicada na Jovem Pan ainda frisa que as reiteradas declarações do presidente da República, as quais atenuam os danos letais do vírus são tomadas como objeto de discurso pela imprensa internacional, como a rede britânica *BBC News*, a qual estampa: “Bolsonaro diz aos brasileiros que parem de choramingar enquanto a morte atinge o pico” (*BBC NEWS* apud JOVEM PAN, 2021, [s.p]). O jornal argentino *O Clarín*, por sua vez, “[...] enfatizou a fala do presidente que chamou de “covardes” os que cumprem o distanciamento social e se irritou com os que pedem para comprar vacina” (*CLARÍN* apud JOVEM PAN, 2021, [s.p]). O resumo feito pela notícia da Jovem Pan apresenta como referencial as leis de possibilidade que fazem emergir determinados enunciados acerca da postura inadequada do presidente brasileiro no trato com a pandemia. A repercussão ocorre, pois, em razão de um comportamento desumano e virulento em relação aos direitos humanos, pois se pressupõe que o brasileiro, ao se precaver contra a doença e exigir o cumprimento de medidas de contenção, estaria sendo covarde, medroso ou, em um uso empregado pela extrema direita, ‘mimizento’<sup>3</sup>. O funcionamento enunciativo da notícia em análise, ao eleger certos recortes do texto fonte, evidencia esse tom de espanto e incômodo dos que enunciam na mídia internacional.

Por fim, chegamos à última materialidade discursiva. Trata-se de uma reportagem que circulou no *site* da revista *Veja*, em maio de 2020. O título já evidencia a posição de crítica, a saber: *As causas e os estragos da pior crise de imagem internacional do Brasil*

---

<sup>3</sup> Trata-se de uma forma pejorativa de se referir a uma diversidade de movimentos sociais que buscam combater o racismo, a desigualdade de gênero e a discriminação contra os que se afastam da norma heterossexual, dentre outras pautas lidas como birras infantis pelos adeptos da extrema direita.

(GHIROTTI; GONÇALVES, 2020). O foco da reportagem concentra-se em aventar os diversos motivos que ocasionaram o desgaste da imagem do país no exterior, para além da pandemia que, à época, estava no começo. Para discorrer sobre a má reputação do Brasil, são descritas, ao longo do texto, as consequências danosas na economia, na diplomacia, nos acordos com os demais países e os organismos transnacionais. A posição que enuncia, além de salientar, a partir de vozes de especialistas na área de relações internacionais os elementos da crise, reúne algumas manchetes de veículos de imprensa do exterior (*Times, Financial Times, The Telegraph e Newsweek*), com o fito de mostrar como ocorre, discursivamente falando, a construção do Brasil como um país à beira do colapso. Para isso, a reportagem de Veja utiliza a expressão nominal “más notícias” (GHIROTTI; GONÇALVES, 2020, [s.p]) e exhibe o que seriam *prints* de tela das manchetes em língua inglesa e a tradução para o português, como seguem nas figuras.

**Figura 1** – Reportagem da revista Veja



Fonte: GHIROTTI; GONÇALVES, 2020.

É capital acentuar o modo por meio do qual a reportagem de Veja enuncia acerca do tratamento dado ao Brasil pelo jornalismo internacional, especialmente quando mobiliza uma disposição gráfica que mostra ao leitor o texto no idioma original, acompanhado do logotipo dos veículos de imprensa e a tradução para o português, através do uso de setas que direcionam esse processo de tradução. Diferentemente das outras

materialidades jornalísticas aqui estudadas, Veja traz o discurso de alguns meios de comunicação na fonte original. Esses elementos discursivos são fundamentais para a revista criar um efeito de credibilidade e de verossimilhança junto ao público. Na ordem discursiva jornalística, conforme saliente Navarro (2010), o desejo de ser fiel aos fatos e de assegurar uma dada relação direta com o real cria a imagem de um enunciador midiático “[...] como aquele que sustenta um discurso verdadeiro” (NAVARRO, 2010, p. 85).

Seguidamente, a reportagem de Veja entra em detalhes acerca do tratamento conferido pelo jornal *Financial Times* ao Brasil: “O jornal britânico conservador *Financial Times*, tido como a bíblia do mercado financeiro, veiculou, na segunda 21, uma coluna com o seguinte título ‘O populismo de Bolsonaro está levando o Brasil ao desastre’ (*FINANCIAL TIMES* *apud* GHIROTTTO; GONÇALVES, 2020, [s.p]). Conforme a posição que enuncia em Veja, o posicionamento do jornal britânico necessita ser levado em consideração, tendo em vista a eminente reputação por ele detida no mundo dos negócios. Noutros termos, essa repercussão negativa do país impacta os investimentos estrangeiros e os acordos comerciais. Na sequência, a revista menciona como o governo do país lida com essas críticas e cita o caso do então chanceler Ernesto Araújo, integrante da chamada ala ideológica do governo, o qual chamou a pandemia de “comunavírus” (ARAÚJO *apud* GHIROTTTO; GONÇALVES, 2020, [s.p]), de maneira a mostrar como a diplomacia do país não consegue cumprir com sua função precípua. A partir dessa remissão, a reportagem aponta que Luís Fernando Serra, embaixador brasileiro na França, “emitiu uma carta criticando a direção do *Le Monde*, a quem ele acusa de criar ficções quando o jornal francês publicou um editorial devastador sobre a insensatez de Bolsonaro no combate ao coronavírus” (GHIROTTTO; GONÇALVES, 2020, [s.p].). A posição controversa do ex-embaixador reitera o negacionismo que caracteriza o governo brasileiro, tendo em vista o fato de questionar a credibilidade do jornal francês. O uso dos termos “devastador” e “insensatez” (GHIROTTTO; GONÇALVES, 2020, [s.p]) para qualificar o editorial publicado e o comportamento do ex-presidente Brasileiro assinala um dado posicionamento discursivo por parte da revista.

A fim de reforçar tal posicionamento, a reportagem traz, em discurso direto, a fala de Jeffrey Lest, diretor do Instituto Halle de Pesquisa Global, da Universidade Emory, nos Estados Unidos, para quem “Hoje a nação é sinônimo de tragédia” e “O país se tornou um problema sanitário e econômico global” (LEST, *apud* GHIROTTTO; GONÇALVES, 2020, [s.p]). A revista deslinda o lugar institucional de onde o sujeito especialista enuncia,

de modo a exprimir o efeito de verdade do dizer e sinalizar os elementos discursivos que emolduram a imagem desagradável do país no exterior, porque há a direta associação entre o país e o caos sanitário da pandemia e, em razão disto, o Brasil constitui uma ameaça para os demais países. Noutros termos, além dos recortes das materialidades jornalísticas da imprensa internacional, vislumbra o discurso de sujeitos autorizados a enunciar sobre o tema, reforçando, assim, uma posição que informa, argumenta e sinaliza a preocupação internacional em relação ao Brasil.

### **Conclusão**

“Cada um de nós está sozinho em seus próprios navios fantasmas” (CRITCHLEY, 2020, p. 79), sublinha, o autor, ao diagnosticar as diversas agruras sofridas a partir do advento da pandemia, especificamente ao isolamento a que tivemos que nos submeter, ao medo constante de sermos infectados, de morrermos ou vermos parentes e amigos sucumbirem à letalidade do vírus. Todo esse sofrimento é imensamente mais profundo, quando convivemos com um governo alinhado ao negacionismo e contrário às orientações da ciência. Quando finalizamos este texto, assistíamos ao desenrolar de acontecimentos políticos que decorrem desse perfil do governo. A gestão brasileira (ou a ausência dela) está sendo alvo de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), no Senado Federal, a chamada CPI da covid, qual busca investigar a atuação do governo no combate a pandemia. As últimas atualizações dão conta da existência de um ‘gabinete paralelo’, o qual tinha como propósito assessorar o presidente da república à revelia das orientações das agências sanitárias reguladoras (REZENDE; LOPES, 2021). Ainda é mister mencionar que, de acordo com reportagem publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, o ex-chefe do Executivo provocou pelo menos 99 aglomerações e não usou a máscara em 73% dos eventos de que participou, após a deflagração da pandemia (CANCONI *et al*, 2021).

Estamos, portanto, há mais de um ano de ingerência e inação por parte do governo federal no enfrentamento à pandemia no país e, conforme vimos ao longo deste texto, a imprensa estrangeira não se furtou em alertar a comunidade internacional acerca da tragédia brasileira. A imprensa brasileira, por sua vez, retomou esses dizeres e, em maior ou menor, os ressignificou. Partindo dessa emergência enunciativa, este texto se propôs a analisar o discurso de materialidades jornalísticas que circularam no Brasil sobre a imagem criada pela imprensa internacional acerca do país no decurso da pandemia de covid-19.

No exame de cinco materialidades jornalísticas publicadas em diferentes veículos de comunicação do Brasil, pudemos entrever um modo de enunciar que se corporiza em determinados elementos discursivos, a saber: a) a posição assumida nas materialidades jornalísticas brasileiras recuperam enunciados dos textos publicados no exterior que se mostram mais incisivos em denunciar o caos sanitário brasileiro; b) ao remeter a esses enunciados, observa-se o emprego frequente do uso do discurso direto e, no caso da revista *Veja*, a versão em língua estrangeira e sua tradução; c) a nosso ver, esse modo de se reportar ao discurso que vem de outro lugar delimita um posicionamento discursivo que se quer crível e verdadeiro; d) os veículos de imprensa do exterior são concebidos como instâncias privilegiadas na produção de discursos sobre o Brasil e a ênfase dada a tal país colabora para a constatação da crise pandêmica; e) além da menção aos discursos jornalísticos do exterior, as materialidades analisadas valem-se de vozes autorizadas a enunciar a respeito do desgaste da imagem do país.

Vale ressaltar que não nutrimos uma visão ingênua e/ou irrefletida a respeito do caráter imperialista desses grandes veículos de imprensa que foram referidas no decorrer deste texto. Estamos cientes de que esses *media* estão alinhados a interesses do capitalismo neoliberal e financeiro sob o prisma da globalização e que, no limite, colaboram para a constituição de um olhar enviesado ou mesmo colonizador sobre o Sul Global; entretanto, tais constatações podem ser melhor exploradas em estudos futuros, inclusive o fato de as publicações serem majoritariamente em língua inglesa, de modo a mostrar como as políticas linguísticas (SPOLSKY, 2004; LAGARES, 2018) perpassam a produção e difusão de certos dos discursos.

Para encerrar estas reflexões, gostaríamos brevemente de retomar mais uma informação que nos chegou quando do percurso de escrita do texto e que ilustra a atualidade do tema. Ao consultarmos o *site* da Agência Lupa, especializada em checar notícias falsas, deparamo-nos com uma *fake news* que havia circulado pelo *WhatsApp* a qual consistia num vídeo supostamente produzido pela *Fox News*, cujo foco era homenagear o presidente brasileiro. A legenda que acompanhava o vídeo era a seguinte: “Enquanto no Brasil os canhotos fazem de tudo para depreciar nosso presidente, a FOX NEWS americana faz essa linda homenagem ao Bolsonaro” (AFONSO, 2021, [s.p]). Nessa perspectiva ocorre (de maneira contrária à clamada perseguição ao político por parte da esquerda brasileira) um reconhecimento que viria do exterior e, por isso, legítimo e desinteressado. Não obstante, a inserção do selo falso pela Lupa desmonta a veracidade do vídeo, o qual, de acordo com a agência, foi feito em 2018 por apoiadores do ex-

presidente e circula desde então, já tendo sido desmentido agências de checagem no Brasil e em Portugal. Diante disso, uma penosa condição merece nota: para ser favorável ao governo, é necessário mentir.

### Referências

AB'SÁBER, T. Ilusão, convicção e mentira: linguagem e psicopolítica da pós-verdade. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). *Discurso e (pós)verdade*. São Paulo: Párabola Editorial, 2021. p. 41-58.

AFONSO, N. Homenagem a Bolsonaro que circula nas redes sociais não foi produzida pela Fox News, *Agência Lupa*, 2021. Disponível em: < <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/06/01/verificamos-homenagem-bolsonaro-fox> >. Acesso em: 20 jun. 2021.

BUENO, F. T. C.; SOUTO, E. P.; MATTA, G. C. Notas sobre a trajetória da Covid-19 no Brasil. In: MATTA, G. C. et al. (Orgs.). *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2021. p. 27-40.

CANCONI, A.; PONCEANO, B.; MARIN, C.; KRUSE, T. Eventos de Bolsonaro durante a pandemia. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 2021. Disponível em < <https://arte.estadao.com.br/politica/2021/06/deslocamentos-jair-bolsonaro-pandemia/> >. Acesso em 05 mar. 2023.

CRITCHLEY, S. Nosso medo, nosso tremor, nossa força. In: SCORALIK, K. (Org.). *Filosofia em confinamento*. Rio de Janeiro: Batuque, 2020, p. 79-83.

ESTADÃO CONTEÚDO. Com Bolsonaro, 92% das notícias sobre o Brasil no exterior são negativas. *Carta Capital*, 2021. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/politica/com-bolsonaro-92-das-noticias-sobre-o-brasil-no-externo-sao-negativas/> >. Acesso em: 31 maio 2021.

FONSECA, T. M. G. Foucault somos nós. In: FONSECA, T. M. G.; ABRANTES, E. M. M. *Cartas a Foucault*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 11-20.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FREITAS, C. M et al. O Brasil seis meses após a declaração da Covid-19 como pandemia global. In: BUSS, P. M. FONSECA, L. E. (Orgs). *Diplomacia da saúde Covid-19: reflexões a meio caminho*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2020. p. 281-303.

G1. Imprensa internacional repercute postura de Bolsonaro diante da pandemia de coronavírus. *G1 Mundo*, 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/30/imprensa-internacional-repercute-postura-de-bolsonaro-diante-da-pandemia-de-coronavirus.ghtml> >. Acesso em: 20 fev. 2021.

GHIROTTI, E.; GONÇALVES, E. As causas e os estragos da pior crise de imagem internacional do Brasil. *Veja*, São Paulo, 2020. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/brasil/as-causas-e-os-estragos-da-pior-crise-de-imagem-internacional-do-brasil/> >. Acesso em: 20 mar. 2021.

HENRIQUES, C. M.; P.; VASCONCELOS, W. Crises dentro da crise: respostas, incertezas e desencontros no combate à pandemia da Covid-19 no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 25-44, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ea/a/BWWTW6DL7CsVWYrqcMQYVkB/?lang=pt&format=pdf> >. Acesso em: 20 maio 2021.

JOVEM PAN. *Imprensa internacional vê descontrole da pandemia no Brasil com preocupação*. Jovem Pan, Jornal da manhã, 2020. Disponível em: < <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/imprensa-internacional-ve-descontrole-da-pandemia-no-brasil-com-preocupacao.html> >. Acesso em: 28 mar. 2021.

LAGARES, X. C. *Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

LIMA, B.; CARDIM, M. E. Imagem negativa do Brasil no exterior se deve à pandemia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: < [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/09/20/interna\\_nacional,1187169/imagem-negativa-do-brasil-no-externo-se-deve-a-pandemia.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/09/20/interna_nacional,1187169/imagem-negativa-do-brasil-no-externo-se-deve-a-pandemia.shtml) >. Acesso em: 19 fev. 2021.

LIMA, J. P. E. “Se não faz mal, por que não tomar?” Um estudo sobre a campanha bolsonarista de desinformação pró-cloroquina. *Linguagem em foco*, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 128-148, 2022. Disponível em: < <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9356/8018> >. Acesso em: 06 fev. 2023.

MARTA, L. Violência velada: discurso da massa robotizada. In: MODENA, M. R. *Conceitos e formas de violência*. Caxias do Sul, RS: Educus, 2016. p. 157-174.

MORAES, A. S.; SILVA, D. P. A pandemia nas *lives* semanais: o uso de atenuadores na retórica anticrise de Jair Bolsonaro. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 740-762, set/dez. 2021. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/topoi/a/8GBrr79XPXfjwFLfBCSTMjS/?lang=pt> >. Acesso em: 10 dez. 2022.

NAVARRO, P. Uma definição da ordem discursiva midiática. In: MILANEZ, N.; GÁSPAR, N. R. (Orgs.). *A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 79-94.

REZENDE, C.; LOPES, R. Ambição política moveu ‘gabinete paralelo’ de Bolsonaro, hoje principal foco da CPI da Covid. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 jun. 2021. Disponível para assinantes em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/ambicao-politica-moveu-gabinete->

[paralelo-de-bolsonaro-hoje-principal-foco-da-cpi-da-covid.shtml](#) >. Acesso em: 20 jun. 2021.

POSSENTI, S.; MUNIZ, C. R. Rindo da/na pandemia, *Linguasagem*, São Carlos, v. 35, n.1, p. 119-135, 2020. Disponível em: <  
<http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/787> >. Acesso em: 01 jun. 2021.

REVEL, J. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

SPOLSKY, B. *Language policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SENRA, R. De ‘quebrar o Brasil’ a ‘levar país a desastre’, a imagem de Bolsonaro na imprensa internacional. *UOL*, 2020. Disponível em: <  
<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/05/25/de-quebrar-brasil-a-levar-pais-a-desastre-imagem-de-bolsonaro-na-imprensa-internacional.htm> >. Acesso em: 20 fev. 2021.